

AS NARRATIVAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: QUESTÕES QUE SUSCITAM

LIFE STORIES IN EDUCATIONAL RESEARCH: EMERGING QUESTIONS
LAS NARRATIVAS EN LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: CUESTIONES
QUE SUSCITAN

Célia Beatriz Piatti

Doutoranda em Educação pela UFMS.

Sônia da Cunha Urt

Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Programa de Pós-
Graduação em Educação da UFMS.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMT)
Campo Grande – MS – Brasil

Endereço:

Cidade Universitária
Caixa-postal: 549
Campo Grande – MS
CEP: 79070-900

Resumo: Este artigo apresenta reflexões acerca do recurso metodológico das narrativas na pesquisa em educação, bem como a possibilidade de aproximação com o referencial da teoria histórico-cultural. Ao narrar sua história, o sujeito singular representa o grupo, a sociedade, o universal de sua profissão. As narrativas de vida pessoal e profissional podem contribuir para repensar lugares e processos de formação em seus aspectos constitutivos.

Palavras-chave: Professoras. Narrativas. Formação docente.

Abstract: This article offers reflections on the methodological resource of narratives in educational research, as well as the possibility of strengthening links with the framework of historical-cultural theory. By telling her story, the singular subject represents the group, society, the universal of her profession. The narratives of personal and professional life can contribute to rethinking places and training processes in their constituent aspects.

Keywords: Female teachers. Narratives. Teaching capacitation.

Resumen: Este artículo presenta reflexiones acerca del recurso metodológico de las narrativas en la investigación en educación, así como la posibilidad de aproximación con el referencial de la teoría histórico cultural. Al narrar su historia, el sujeto singular representa al grupo, a la sociedad, a lo universal de su profesión. Las narrativas

de vida personal y profesional pueden contribuir para repensar lugares y procesos de formación en sus aspectos constitutivos.

Palabras clave: Profesoras. Narrativas. Formación docente.

INTRODUÇÃO

O artigo aborda as narrativas como recurso metodológico nas pesquisas em educação. Atualmente, esse recurso suscita críticas diversas, em sua maioria centralizada na menção à individualidade, na fragilidade metodológica que essas narrativas representam e que podem causar falta de validade científica sob o olhar de alguns pesquisadores.

Em contrapartida, ganham espaço nas ciências humanas e, na educação, aparecem na Europa ao final da década de 80 e no Brasil ao final dos anos 90. Autores como Dominicé (1988); Goodson (2001); Josso (2006); Nóvoa (1992,2007); Catani (1997), dentre outros, consideram a relevância significativa desse recurso para compreensão dos processos de formação docente.

Nóvoa (1992), afirma que, munido de precauções cada vez maiores (conceituais, metodológicas e éticas), as histórias de vida podem contribuir para a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores considerando que, "o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor" (NÓVOA, 1992, p.15).

As narrativas representam o singular. Questão que pode ser pertinente quando se trata da formação docente e do resgate à história de sujeitos que podem, por meio de suas narrativas, refazer seus percursos, apresentar possibilidades de repensar a sua prática e rever trajetórias.

Josso (1999) leva a refletir acerca de como situar esse fascínio pelo singular, a individualidade, o sujeito, o vivido, o experiencial, a globalidade concreta, o existencial, na complexidade dos processos de formação, permitindo encarar a relação da história de vida com a história da sociedade. Afirma que, nos últimos anos, há um crescimento considerável desse recurso metodológico, consubstanciando-se nos estudos apresentados em eventos relacionados à pesquisa educacional.

Inicialmente, traz-se uma breve reflexão sobre a pesquisa educacional no Brasil e, de forma sucinta, discute-se o uso das narrativas como recurso metodológico. Apresenta-se uma possível relação com a teoria Histórico-Cultural e, por fim, para ilustrar, trazem-se as narrativas de professoras que atuam em escolas pantaneiras, representando, neste estudo, as narrativas como recurso possível de reconhecer sujeitos e contextos. Cabe ressaltar que se fez opção pela nomenclatura “narrativas”, uma vez que diversos pesquisadores a utilizam como sinônimo de histórias de vida.

A PESQUISA EDUCACIONAL: ALGUMAS REFLEXÕES

É considerável, atualmente, o crescimento de pesquisas na área de educação, devido à expansão da pós-graduação. Articulada a essa expansão, segundo André (2006), estão também as mudanças nas temáticas e nos problemas em relação aos referenciais teóricos, bem como nas abordagens metodológicas. Cada vez mais ganham força os estudos qualitativos, apresentando diferentes abordagens de pesquisa.

De acordo com a autora, as pesquisas qualitativas englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, métodos e técnicas de análises, compreendendo estudos etnográficos, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa ação, análises de discurso e narrativas, estudos de memória, história de vida e história oral.

É ainda André (2006) que alerta que há espaço para todos os tipos de pesquisa, porém, é preciso levar em conta a sistematização e o controle dos dados, para que estes sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados.

Ao se levantar um conceito de pesquisa, Gatti propõe:

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando à criação de um corpo de conhecimentos sobre certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos. (GATTI, 2002, p. 9,10).

A pesquisa fornece ao pesquisador e à sociedade a possibilidade de reconhecer sujeitos, lugares, problemas e situações que, uma vez trabalhadas com rigor, podem trazer à pesquisa educacional um quadro produtivo de reconhecimento

e abrangência de temas favoráveis a repensar situações de melhoria do que se discute e traz à tona.

Nesse sentido, pode-se observar nesse crescimento da pesquisa qualitativa também o aparecimento das pesquisas que utilizam as narrativas para compreensão da singularidade dos sujeitos da pesquisa. Dar voz aos sujeitos pode contribuir para o entendimento de situações singulares que, ao serem narradas, podem ser interpretadas como universais.

Tomando como pressuposto o caminho da pesquisa educacional, segundo André (2006), nas décadas de 60 e 70 voltava-se para situações experimentais, já nas décadas de 80 e 90 as investigações debruçavam-se para situações “reais” do contexto escolar, primando a sala de aula. Pode-se compreender que, na primeira situação, o pesquisador estava distante do seu objeto de pesquisa e, na segunda, o sujeito estava mais próximo ao objeto pesquisado e, às vezes, até colaborava com esses sujeitos, pois geralmente ele era também sujeito da pesquisa, pois convivia no contexto de investigação.

Com essas alterações, a pesquisa qualitativa cresceu e as abordagens metodológicas também acompanharam tais modificações. Desse modo, entre diversas metodologias, as narrativas ganharam espaço. Segundo Urt e Simão (2013), ao observar o crescimento da pesquisa qualitativa e a crescente utilização das narrativas na pesquisa educacional, evidencia-se a aproximação do pesquisador com o sujeito envolvido na pesquisa, questão que revela tal crescimento.

NARRATIVAS: UMA POSSIBILIDADE NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

As narrativas estão presentes em nosso dia a dia, no simples fato de se contar uma história de infância, um fato real ou imaginário, lembrar lugares e/ou relatar um filme. Para Benjamin (1994),

[...] narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Segundo o autor, a difusão rápida da informação na sociedade capitalista pode favorecer o desaparecimento das narrativas, questão preocupante, uma vez que considera as narrativas como fonte de comunicação entre as pessoas.

Vista como recurso metodológico, considera-se que:

[...] a narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. (MORAES, 2000, p. 81).

A convivência na sociedade determina a individuação das subjetividades, porém o sujeito intervém sobre esses determinantes, a partir do momento em que produz e modifica o meio. Nesse sentido, as narrativas dos sujeitos permitem analisar em cada passagem a presença do outro, revelando que o social e a vida pessoal estão articulados ao espaço onde o sujeito vive a sua história.

As narrativas revelam que os acontecimentos são vividos e socializados e que as lembranças são constitutivas de um grupo social, portanto o homem é resultado de um tempo histórico e concreto. Nesse sentido, as narrativas marcam a sua existência, bem como de seu grupo social.

Pelas narrativas, podem-se inferir as marcas da história de um sujeito, suas características, seus anseios, desafios, elementos que o tornam essencialmente histórico, sujeito às especificidades do contexto cultural em que vive, trabalha e se desenvolve, tendo que se transformar continuamente diante dos desafios que lhe são impostos nesse processo.

Ao emitir as narrativas, revela-se um lugar, uma cultura, um modo de vida singular em suas especificidades, mas de caráter universal, de um sujeito social, que apresenta uma história individual, porém que se une ao coletivo.

Revelando suas narrativas, o passado e o presente, os fatos são ressignificados, já que “Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 17). Ao relatar a sua história, há um fio tecidual no qual se desenrola uma história de vida, mas nunca de um sujeito isolado.

Entre o passado e o presente, não há confins desvinculados, há fatos novos que, agrupados, formam novas lembranças e novas histórias sempre articuladas a um contexto, ao outro que faz parte das lembranças e, por conseguinte, colaboram na construção da identidade de cada sujeito. Para Ciampa (1987), não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do estudo da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem social.

Na construção da identidade, as relações vividas são criadas pelos homens e, nesse sentido, oportunizam a cada indivíduo fazer as suas escolhas, viver a sua vida, representar o seu papel na sociedade. Ainda que seja em condições previamente dadas, cada sujeito constrói a sua história e participa da história do outro.

Segundo Ciampa (1987), as personagens vão se engendrando umas às outras pelo agir e pelo dizer, construindo um universo de significados que as constitui. Se não se transformar, não têm como transformar o ambiente. As pessoas estão em constantes mudanças.

Conforme Bosi (1994):

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Somos de nossas recordações, apenas testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão. Preciso reconhecer que muitas de nossas ideias, não são originais, foram inspiradas nas conversas com os outros. (BOSI, 1994, p. 406-407).

Essa riqueza de ideias originárias de vivência do indivíduo pode significar um excelente recurso para a formação docente, pois não são pensamentos e evocações isoladas, mas que permitem buscar no outro a possibilidade de trajetórias iguais e diferentes, que representam a visão docente e a sua complexidade.

A formação e a prática docente revelam a ação de um grupo social, ao desvendar os valores, os hábitos, as ideias que permeiam determinados tempos da sociedade. Assim, ao narrar sua história, o sujeito passa por um processo contínuo de lembranças que, atualizadas, são assimiladas e renovadas a cada grupo e seu tempo histórico. Nesse fato reside a riqueza das narrativas.

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E NARRATIVAS: APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Na teoria Histórico-Cultural, considera-se o sujeito como histórico, o que implica considerar a atividade que ele executa por se entender que nela o psiquismo humano se constitui e se estabelecem muitas das relações que levarão às transformações da estrutura desse mesmo psiquismo.

O indivíduo é colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas ao longo dos séculos por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres, no nosso planeta, que são criadores. As gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas e “passam o testemunho” do desenvolvimento da humanidade. (LEONTIEV, 2004, p.285, grifo do autor).

Em razão disso, torna-se importante considerar as influências culturais às quais o sujeito se vê exposto, para se apreender, nesse cenário, como ele se percebe e como ocorrem as suas transformações nesse movimento.

O sujeito é diferente dos demais seres porque é capaz de criar, produzindo as suas condições de existência, enquanto vai ampliando as suas possibilidades de hominização.

Pode-se dizer, então, que o significado da atividade consiste também em que nela e por ela se estabeleça um laço ativo entre o homem e o mundo, por meio do qual a existência representa uma unidade real e uma mútua influência entre sujeito e objeto.

Em toda atuação humana se estabelece necessariamente uma determinada relação entre o socialmente importante e o importante para o homem pessoalmente. O objeto da ação humana é sempre um objeto que está implicado nas suas relações com os seus semelhantes.

No processo do trabalho, não somente se cria um determinado produto da atividade de trabalho, mas também se cria um determinado produto da atividade de trabalho do sujeito – como ele é – que se forma com o trabalho. Na atividade do trabalho desenvolvem-se as aptidões do ser humano, forma-se o seu caráter, forjam-se os seus princípios ideológicos e muda-se a sua atitude para com a atuação prática.

A atividade aproxima o sujeito do mundo e assim ele absorve a experiência acumulada pela humanidade na comunicação entre os demais sujeitos. A atividade humana, que é chamada de trabalho, para Leontiev (2004), é um processo que liga o homem à natureza, o processo de ação do homem sobre a natureza.

É ainda Leontiev que apresenta Marx quando escreve: “O trabalho é primeiramente um ato que se passa entre o homem e a natureza. O homem desempenha aí para a natureza papel de uma potência natural”. (LEONTIEV, 2004, p. 80). Pode-se inferir que o trabalho é mediatizado pelo instrumento e também pela sociedade.

O trabalho é antes de tudo caracterizado por dois elementos interdependentes. Um deles é o uso e o fabrico de instrumentos. O trabalho diz Engels, começa com a fabricação de instrumentos. O segundo é que o trabalho se efetua em condições de atividade comum coletiva de modo que o homem, no seio deste processo, não entra apenas numa relação determinada com a natureza, mas com outros homens membros de uma dada sociedade. (LEONTIEV, 2004, p. 80).

Na teoria Histórico-Cultural, pressupõe-se que a constituição do homem se dá a partir da atividade concreta de sua vida, sempre mediada pela linguagem, formando assim a sua consciência. É um processo dialético, em que o sujeito cria e recria sua consciência, promovendo um movimento social na construção de sua identidade.

Assim, o professor é agente dessa construção sempre em transformação em relação a sua atividade, que é o trabalho docente e, nesse sentido, sua história tem relevância para pensar a sua formação, bem como a sua prática.

Na teoria em questão, compreende-se o estudo do sujeito como essencial para a compreensão da sociedade e, dessa forma, as narrativas oferecem essa possibilidade de reconhecimento de pessoas com significados relevantes para a compreensão de espaços e tempos sociais, portanto é possível como recurso metodológico no referencial Histórico-Cultural.

A VOZ DAS PROFESSORAS: HISTÓRIAS E CONTEXTOS

Oportunizar aos professores espaços para relatar a sua trajetória, expor fatos que ofereçam elementos importantes de sua experiência, de sua trajetória profissional pode, a princípio, criar alternativas de pensar a formação e a prática docente. Segundo Goodson (2003), ouvir o professor representa a importância da história de vida quando falam de seu trabalho.

Para ilustrar essas discussões, são apresentados episódios de narrativas de duas professoras¹ que atuam em uma escola do núcleo pantaneiro localizada em uma fazenda no Pantanal, na região de Paiaguás, próxima ao rio Piquiri, divisa de Mato Grosso do Sul com Mato Grosso.

As escolas desse núcleo são divididas em Escolas das Águas e Escolas da Terra. Aqueles estabelecimentos de ensino que estão em regiões permanentemente alagadas, normalmente nas margens de rios, são considerados Escolas das Águas. Já as Escolas da Terra também convivem com o ir e vir das águas, pois também estão localizadas na planície pantaneira, mas a influência da água na mobilidade e nas outras atividades é menos intensa.

A cada ano o calendário é adaptado conforme os ciclos de cheia e seca. Além disso, existem as dificuldades de comunicação, pois em algumas localidades não é possível ouvir rádio, usar o telefone e não há energia elétrica, apenas por meio de gerador.

A escola oferece Ensino Fundamental – Anos Iniciais – e é mantida pela Prefeitura Municipal de Corumbá, em parceria com os produtores rurais. A escola segue a metodologia do Programa da escola ativa, pois as salas são multisseriadas. Para o trabalho se efetivar com sucesso em relação à metodologia adotada, as professoras participam de constantes capacitações. As escolas são visitadas periodicamente pela coordenadora pedagógica para acompanhamento das atividades realizadas em relação à metodologia aplicada. O acompanhamento visa garantir que a estratégia da escola ativa seja bem realizada no sentido de colher resultados por meio dos alunos que vivem nas regiões distantes para que possam aprender a partir de sua realidade e vivência.

As professoras e os alunos dessa escola permanecem em regime de internato durante seis meses. Não há transporte terrestre para deslocamento, apenas aéreo. A Escola das Águas fica dentro do Pantanal, região característica pela riqueza da fauna e da flora.

É nesse contexto que atuam as professoras que ora apresentam suas narrativas. O objetivo em ouvi-las é na perspectiva de compreendê-las em três momentos distintos: formação, escolha da profissão e atuação na escola do núcleo pantaneiro.

Ao relatarem sua formação, momentos da infância, incentivos, situações e experiências vividas, vem à tona nas lembranças e, aos poucos, episódios são desvendados.

Fui uma garota de interior, brinquei na rua, corri e joguei bolita com os meninos, era muito feliz. Tinha muitos amigos. Tenho saudade da minha infância, da escola, dos professores. Estudei primário e ginásio na escola municipal aqui de Corumbá. Um tempo em que a escola pública era a melhor, não como agora, que parece não ser mais aquela escola boa, rigorosa. Tive muitos professores bons, inteligentes. Gostava e respeitava meus professores. Lembro da minha primeira professora, a Dona Jane. Aprendi a ler rápido, ela era muito boa e tinha paciência. Aprendi a ler na cartilha, mas naquele tempo era assim, que acontecia a alfabetização. Aprendi a juntar pedaços, hoje não ensinamos mais assim, mas às vezes penso que aprendemos bem, acho que era um tempo em que os alunos eram mais responsáveis e esforçados. Ah, sei lá... As professoras também cobravam mais, né? A gente brincava muito, mas tudo tinha a hora. Sempre tive admiração pelas professoras, talvez isso já era início da vontade ser professora [...].

Estudei em Corumbá, um tempo, depois em Rio Verde, onde moramos um tempo e depois voltei pra cá. Estudei na escola pública. Naquele tempo, todas as minhas amigas eram como eu, tinha que estudar na escola pública, mas era uma escola boa, sem violência, como é agora. Sempre fui muito tímida, mas era uma aluna aplicada, acho que esforçada, também, os professores eram mais bravos, rigorosos mesmo. Fazia tudo, no prazo, com capricho, respeitava os professores, eles eram muito bons. Naquele tempo,

eu não tinha grandes expectativas de continuar a estudar, após terminar o ensino médio, mas depois, que já estava trabalhando, entendi, que se não estudasse, ficaria atolada no almoxarifado de uma loja, a vida inteira. Meus pais sempre aconselharam a continuar os estudos, eles estavam certos. Educação é tudo. [...].

Ao relatarem sobre sua formação, as professoras revelam a admiração pela escola como lugar de crescimento pessoal, apresentam pessoas que marcaram a sua trajetória, o que permite conceber a importância das lembranças, pois, conforme Halbwachs (2004), existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social no qual ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. Portanto, as narrativas expressam também momentos e espaços históricos importantes para a compreensão de contextos educativos.

Ao ouvir as professoras, buscou-se resgatar as lembranças sobre a escolha profissional.

Sempre morei em cidades pequenas, no interior e isso já me conduzia para ser professora, mas com o tempo não foi só isso, entrei no Ensino Médio e logo, descobri mesmo a minha vontade de ser professora, aí parei e fui para o magistério. Eu tinha uma tia, que era professora, ela me incentivou muito, lembro dela falando que naquele tempo era a melhor profissão para mulher, trabalhava só um período e tinha tempo para cuidar dos filhos e da casa, claro que isso é ilusão, mas mesmo assim, não poderia ser outra coisa a não ser professora. Sou realizada, gosto da minha profissão, mesmo com todas as dificuldades que temos, você sabe, muito trabalho na escola, e depois das aulas, aqui, então, mais ainda, pois ficamos com as crianças e temos que cuidar delas também em outros aspectos que não são objetivos da escola, mas que é nossa responsabilidade. [...].

Primeiro fiz o Ensino Médio, trabalhei em lojas, depois resolvi fazer a Pedagogia. Minha família ficava insistindo para que eu continuasse os estudos. Na verdade, no início, eu fiz para ter um curso superior, mas aos poucos fui gostando, criando gosto e vendo que eu tinha condições de seguir em frente, foi interessante, pois encontrei na Pedagogia, uma forma de ser menos tímida, de entender que posso ser mais falante, porque na loja eu trabalhava no almoxarifado, ficava muda o dia inteiro, mas agora preciso falar, explicar, isso foi bom para mim, até como pessoa, melhorei muito. Sou mais comunicativa, acredito, que isso é fruto da profissão que me ajudou [...].

Ao revelarem sua escolha profissional, as professoras buscam na memória situações vividas em outros momentos, o que demonstra a relação com tempos e espaços que cercam o seu cotidiano. Ao narrar, refazem o percurso de suas vidas, por meio do fio da memória, reconstruindo-as em cada lembrança que representa espaços e pessoas que elas elegem como significativas para compor a sua história.

Dessa forma, os motivos que levaram as professoras à escolha da docência se apresentam em situações distintas, mas revelam fatores que se situavam no meio social, nas relações estabelecidas na família, no trabalho. A presença

do outro aparece em suas lembranças como perspectiva de criar ou confirmar uma rota profissional traçada para sua vida, cuja profissão configura-se como possibilidade de melhoria, de crescimento, de reconhecimento no meio social.

Narrando sua atuação como professoras, elas apresentam uma diversidade de papéis representativos da profissão docente.

Trabalhei em muitas escolas urbanas, mas adoro a pantaneira. Aqui é diferente, podemos colaborar mais com as crianças. Elas são especiais. Meu trabalho aqui é especial, por isso, sempre opto por trabalhar aqui, por essas crianças e por esses pais e também pela escola. Aqui tudo é valorizado. Até mesmo um sorriso da professora. É essa valorização que faz a gente tocar em frente com prazer. A escola é a grande oportunidade dos alunos de crescer além do que tem aqui. Aprender a conhecer o mundo, não o mundo, mas o mundo das letras que é fantástico. Me sinto a mãe que acolhe, a professora que ensina e ao mesmo tempo mostra caminhos a seguir para a vida. No início do ano já me inscrevi para trabalhar aqui. Esse lugar é especial, podemos fazer muito pelas crianças, não só ensinar a ler, mas ensinar a viver melhor e aprender com elas também [...].

Aqui é uma boa escola atende as crianças da região e dá a oportunidade delas estudarem. Tem material necessário e tudo é adequado às crianças daqui. Ah, o meu trabalho é de pura dedicação. Aqui precisa. Você vê um aluno ficar aqui meses, não tem como não se dedicar ao máximo. Um aluno desses, mesmo que obrigado pelos pais, está procurando crescer através da escola. Sempre penso nessas coisas e aí não tem como não fazer um trabalho especial e, por isso, sempre escolho trabalhar nessas escolas e não nas escolas urbanas. Faço o melhor que eu posso. Estudo, participo de muitos cursos, até nas férias, para aprender mais e mais, sempre na vontade de melhorar a minha atuação e aí, no ano seguinte, escolho trabalhar na escola pantaneira [...].

Essas narrativas evidenciam a importância da análise que as professoras fazem de sua atuação profissional, das relações que estabelecem com o outro. O que vem à baila na fala das professoras é a possibilidade de reconhecer-se na profissão, poder pensá-la e repensá-la. Procurando explicar o contexto, retornam sempre às relações vividas e construídas no espaço escolar.

Ao viverem vários papéis de colega, mãe, professora geram uma socialização que faz com que cada professora possa estabelecer as semelhanças e as diferenças que existem entre elas. Essa interatividade favorece o processo de transformação e formação da identidade e, portanto, de sua constituição. Para Ciampa (2008), "a identidade é um processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas". (CIAMPA, 2008, p. 88). Portanto, nas relações estabelecidas, a identidade é construída no coletivo.

Segundo Josso (2007), ao narrar sua trajetória, os professores revelam um conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser, por meio de sua atividade, dos contextos de vida, dos encontros, dos acontecimentos de sua

vida pessoal e social e das situações que eles consideram formadoras e muitas vezes fundadoras, ao conceber a construção de sua identidade como a ponta do *iceberg*, frente a um conjunto de componentes complexos da prática e da formação docente.

Ao ouvi-las, compreende-se em suas vozes o lugar que ocupam; os fatos que podem e vão aos poucos sendo revelados; histórias individuais que permitem conceber a constituição de um sujeito único, cuja trajetória apresenta um grupo e suas concepções.

As narrativas aqui expostas são breves, ilustrativas, recortes de relatos longos e intensos, contudo é possível compreender nas palavras aqui registradas que as professoras revelam pistas que podem oferecer suporte para o estudo da formação e da prática docente a partir do que pensam os professores. Há, em cada depoimento, único, diferentes histórias, mas encontros em lugares e momentos históricos que favorecem pensar a atividade docente de sua realidade, do *lócus* de atuação, importante para compreender o professor, sua formação, suas necessidades e concepções. Em seu conjunto, representam a estrutura social que as constituem e que, ao mesmo tempo, é constituída por elas em sua trajetória pessoal e profissional.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Das reflexões realizadas neste estudo, podem-se compreender as narrativas como recurso interessante na pesquisa educacional. Os estudos de Nóvoa (1992) apontam um crescente interesse pelas histórias de vida dos professores, levando em conta alguns aspectos direcionados ao desenvolvimento pessoal e profissional, a processos identitários, ao reconhecimento do professor como pessoa e profissional.

Ao se conceber na teoria Histórico-Cultural o homem como produto e produtor de cultura, ouvir as professoras favorece a compreensão de sujeitos em suas trajetórias. Histórias que podem revelar indícios para a formação docente de diferentes sujeitos em diferentes contextos.

A história de vida dessas professoras pode revelar quem são, o que pensam, o que as identificam, o que esse lugar no qual a escola está localizada representa para essas profissionais e que motivos as levam a continuar professoras, a acreditar na profissão, a buscar melhorias em sua atuação.

Por isso, considera-se, a partir *indagações, que* o professor se constitui em sua atividade a partir da relação com o outro e com o mundo. O que pensa e faz revela-se no processo de conformar-se ao seu contexto ou transformá-lo. Atua a partir da experiência com o outro, partilhando e tornando-a significativa, repensando sobre o seu próprio modo de ser e de fazer aprender, experimentando sempre novas ações que podem ser alvo de reflexão para repensar a formação docente na amplitude e na complexidade de seus aspectos constitutivos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: buscando rigor e qualidade. Cadernos de pesquisa, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, 1988, p. 131-153.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 1.

GOODSON, I. Dar a voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JOSSO, M. C. **História de vida e projeto**: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.25, n.2, p.11-23, jul/dez, 1999.

_____. **A transformação de si a partir da narração da história de vida**. Porto Alegre, RS. Ano XXX, n.3, p.413-438, set/dez, 2007.

LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MORAES, A. A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras**: uma alternativa de formação. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

NOVOA, A. **Vida de professores**. Porto: Porto Editora Ltda. 1992.

URT S. C; SIMÃO, C. A pesquisa em educação e o recurso metodológico das narrativas: uma aproximação com a teoria histórico-cultural. **Revista Teias**, v. 14. n. 31, 109-120.maio/ago., 2013.

NOTAS

- ¹ As narrativas apresentadas foram colhidas para a pesquisa de doutoramento em andamento: "A constituição das professoras em escolas da região pantaneira: uma análise Histórico-Cultural".
- ² O programa Escola Ativa é uma estratégia metodológica criada para combater a reprovação e o abandono da sala de aula pelos alunos das escolas do campo. Foi desenvolvido especificamente para as classes multisseriadas, cujos alunos de diferentes idades e séries realizam suas atividades escolares na mesma sala de aula.